



MANUAL DE CRIAÇÃO SERPENTES

JUNHO 2023

Tiago de Oliveira Lima
Lara Meyer
Nicolas Fontana
e colaboradores

Sumário

IMPORTANTE	2
Introdução	3
Origem e Evolução	3
Biologia	5
Criação de serpentes em cativeiro	11
Legislação	12
Manejo	13
Alimentação	13
Temperatura	16
Umidade	17
Troca de pele	17
Iluminação	18
Recintos	19
Dimensões do recinto	19
Ventilação do recinto	20
Material de confecção dos recintos	20
Substratos, abrigo e ornamentos	20
Higienização do recinto	21
Cuidados veterinários	21

Manual de Orientações Básicas para Criação

Jiboia (*Boa constrictor*), Jiboia Arco-íris (*Epicrates spp.*), Píton de Macklot (*Liasis mackloti*) e Píton-bola (*Python regius*)

Este manual tem como objetivo passar as orientações básicas sobre manejo e manutenção de jiboias e Pítons, que serão criadas como pet. Outras dúvidas que não sejam respondidas neste texto podem ser esclarecidas pelos contatos abaixo:

- (31) 99174-3007 (Tim) 
- vendas@jiboiasbrasil.com.br 

IMPORTANTE

- **SOLTAR OU ABANDONAR** animais na natureza sem a devida permissão do órgão ambiental;
- **REPRODUÇÃO DOMICILIAR DOS ANIMAIS ADQUIRIDOS EM CRIATÓRIOS;**
- Maus tratos.

Caso não tenha mais interesse em criar o seu animal, a Animais Brasil se compromete a recebê-lo de volta sem ônus para a empresa.

Introdução

Desde o início de nossa história, os répteis sempre fascinaram, e “aterrorizaram”, os seres humanos. Existem lendas e relatos sobre a inter-relação do homem com o réptil que datam de milhares de anos. Para exemplificarmos, basta lembrar das histórias contidas na Bíblia (a serpente que ofertou o fruto proibido para Adão e Eva), ou da serpente que matou Cleópatra, a Rainha do Egito. Tais histórias, na maioria das vezes (principalmente na cultura cristã ocidental), transformam injustamente os répteis de uma maneira geral – mas especialmente as serpentes - em seres maléficos e nocivos ao ser humano. Em decorrência disso, até hoje os répteis são tidos como animais repugnantes por grande parte das pessoas.

Por outro lado, na cultura oriental a realidade é bastante diferente. Na cultura chinesa, por exemplo, o dragão é tido como um símbolo de sabedoria, e a serpente, como emissária de prosperidade e guardiã das riquezas. No oriente também surgiram os primeiros herpetocultores da história, os encantadores de serpentes, alguns sacerdotes e também alguns curandeiros que mantinham estes répteis para fins cerimoniais ou “farmacêuticos”.

No mundo moderno, a criação de répteis como “*hobby*” é uma prática relativamente recente se comparada a outras criações, mas vem crescendo de maneira acelerada. Hoje, já é considerada a 3ª maior indústria *pet* nos Estados Unidos e na Europa, perdendo somente para gatos e cães, tendo superado até as aves.

No Brasil, apesar de muito recente, o mercado herpetocultor vem seguindo esta tendência e crescemuito rapidamente. Os répteis, porém, exigem cuidados bastante distintos daqueles exigidos pelos animais domésticos e por isto é fundamental conhecermos a biologia de cada espécie.

Origem e Evolução

Estima-se, por meio de registros fósseis muito antigos, que a origem dos répteis tenha se dado na época compreendida entre os períodos do Carbonífero e Permiano da Era Paleozoica, de 300 a 250 milhões de anos atrás. Eles em muito ainda se assemelhavam aos anfíbios daquele

período, que os precederam. Porém, algumas características deste novo grupo que surgia favoreciam a ocupação do ambiente terrestre permitindo que estes dominassem a terra na Era Mesozoica, a chamada “Era dos Répteis”.

De uma forma geral, algumas das características que os tornavam mais competitivos frente aos seus antecessores e que são ainda observadas nas espécies de hoje:

- ✓ Respiração pulmonada em todas as fases da vida;
- ✓ Independência da água para reprodução;
- ✓ Ovos com a presença de casca protetora calcária ou a capacidade da viviparidade (capacidade de parir filhotes vivos, plenamente formados);
- ✓ Coração dividido em 2 átrios e um ventrículo incompletamente septado (exceto os crocodilianos, com as 4 câmaras completas, porém não completamente separadas);
- ✓ Pele seca e cornificada, geralmente protegida por escamas ou placas córneas.

Os répteis de hoje são os sobreviventes destes milhões de anos de seleção e habitam praticamente todos os ambientes da terra, com exceção da Antártica e calota polar ártica, desempenhando papéis importantíssimos no ecossistema no qual estão inseridos. Desde as águas oceânicas aos mais tórridos desertos, com tamanho variando de poucos centímetros (como alguns geckos) a mais de 7 metros de comprimento (*Malayopython reticulatus*).

Em suma, tamanha diversidade envolve uma quantidade enorme de características particulares de cada espécie e o conhecimento biológico acerca destas características deve ser procurado sempre que se desejar trabalhar com um grupo específico. Nessa área, apesar do grande número de trabalhos existentes, o conhecimento ainda é inaugural, havendo muito o que pesquisar e descobrir.

Biologia

Para facilitar o entendimento apresentamos abaixo tabelas com o resumo dos principais dados biológicos de cada tipo de jiboia e píton que criamos. Informações mais detalhadas estão disponíveis no site.

Jiboia – Bcc (<i>Boa constrictor constrictor</i>)	
Distribuição: Brasil (norte do centro-oeste, norte, nordeste e Mata Atlântica do sudeste RJ e ES)	 Adulto Filhote
Hábito: semi-arborícola	
Comprimento: raramente ultrapassam os 3 metros	
Peso: machos até 15kg e fêmeas até 25kg	
Observação: não são peçonhentas, possuem denteção áglifa, ou seja, não possuem presas inoculadoras de veneno.	
Alimentação: pequenos roedores, coelhos e aves	

Jiboia da Argentina - Bco (<i>Boa constrictor occidentalis</i>)	
Distribuição: endêmica do bioma Chaco na Argentina, Bolívia e Paraguai.	 Adulto Filhote
Hábito: semi-arborícola	
Comprimento: raramente ultrapassam os 3 metros	
Peso: machos até 10kg e fêmeas até 15kg	
Observação: não são peçonhentas, possuem denteção áglifa, ou seja, não possuem presas inoculadoras de veneno.	
Alimentação: pequenos roedores, coelhos e aves	

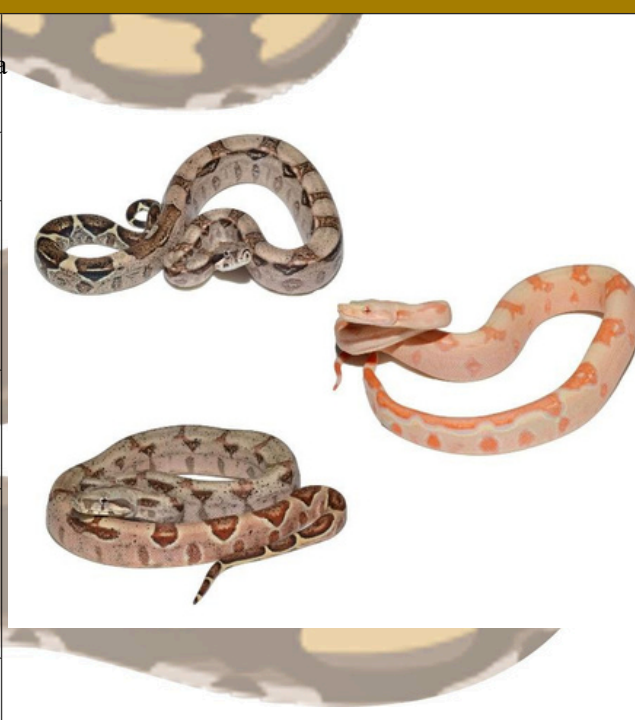
Jiboia do Cerrado - Bca (*Boa constrictor amarali*)

Distribuição: endêmica do bioma Cerrado do Brasil
Hábito: semi-arborícola
Comprimento: raramente ultrapassam os 2,4 metros
Peso: raramente ultrapassa 15kg
Observação: não são peçonhentas, possuem denteção áglifa, ou seja, não possuem presas inoculadoras de veneno.
Alimentação: pequenos roedores, coelhos e aves



Jiboia – Bci (*Boa constrictor imperator*)

Distribuição: Venezuela, Colômbia e América Central
Hábito: semi-arborícola
Comprimento: Nas linhagens de cativeiro os machos raramente ultrapassam 1,8 m e as fêmeas os 2,4 metros
Peso: Machos raramente ultrapassam os 6kg e fêmeas 12kg
Observação: não são peçonhentas, possuem denteção áglifa, ou seja, não possuem presas inoculadoras de veneno.
Alimentação: pequenos roedores, coelhos e aves



Jiboia arco-íris do Norte (*Epicrates cenchria maurus*)

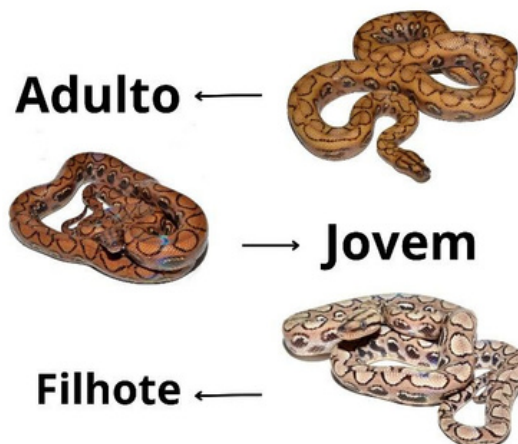
Distribuição: florestas tropicais e subtropicais secas da Nicarágua, até enclaves de Cerrado na região norte do Brasil.	 Adulto  Filhote
Hábito: semi-arborícola	
Comprimento: Raramente ultrapassam 1,20 metros	
Peso: podem pesar até 3kg	
Observação: não são peçonhentas, possuem dentição áglifa, ou seja, não possuem presas inoculadoras de veneno	
Alimentação: Pequenos roedores e pequenas aves	

Jiboia arco-íris da Amazônia (*Epicrates cenchria cenchria*)

Distribuição: endêmica da Floresta Amazônica, ocorrendo na Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Venezuela, Guiana, Suriname, Guiana Francesa e Brasil	
Hábito: semi-arborícola	
Comprimento: podem ultrapassar 2,20 metros	
Peso: raramente ultrapassa 4kg	
Observação: não são peçonhentas, possuem dentição áglifa, ou seja, não possuem presas inoculadoras de veneno.	
Alimentação: Pequenos roedores e aves	

Jiboia arco-íris da Mata Atlântica (*Epicrates cenchria hygrophilus*)

Distribuição: endêmica da Mata-Atlântica
Hábito: semi-arborícola
Comprimento: raramente ultrapassam 1,80 metros
Peso: raramente ultrapassa 3kg
Observação: não são peçonhentas, possuem denteção áglifa, ou seja, não possuem presas inoculadoras de veneno.
Alimentação: Pequenos roedores, coelhos e aves



Jiboia arco-íris da Argentina (*Epicrates cenchria alvarezi*)

Distribuição: endêmica do bioma Chaco na Argentina, Bolívia e Paraguai.
Hábito: semi-arborícola
Comprimento: até 1,30 metros
Peso: raramente ultrapassa 1kg
Observação: não são peçonhentas, possuem denteção áglifa, ou seja, não possuem presas inoculadoras de veneno.
Alimentação: Pequenos roedores e pequenas aves



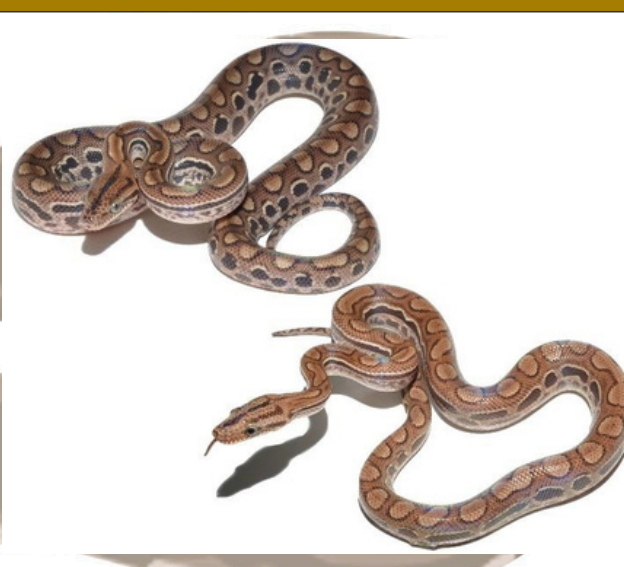
Jiboia arco-íris do Cerrado (*Epicrates cenchria crassus*)

Distribuição: endêmica do bioma Cerrado, ocorrendo em corredores de savana presentes no Brasil, Bolívia e Argentina.
Hábito: semi-arborícola
Comprimento: raramente alcança 1,8 metros
Peso: raramente ultrapassa 2kg
Observação: não são peçonhentas, possuem denticção áglifa, ou seja, não possuem presas inoculadoras de veneno.
Alimentação: Pequenos roedores, coelhos e aves



Jiboia arco-íris da Caatinga (*Epicrates cenchria assisi*)

Distribuição: endêmica do bioma Caatinga, ocorrendo desde a Paraíba ao norte de Minas Gerais.
Hábito: semi-arborícola
Comprimento: raramente alcançam 1,80 metros
Peso: raramente ultrapassa 3kg
Observação: não são peçonhentas, possuem denticção áglifa, ou seja, não possuem presas inoculadoras de veneno.
Alimentação: pequenos roedores e aves



Pítton-bola (*Python regius*)

Distribuição: endêmica da Indonésia
Hábito: gosta de explorar substratos altos
Comprimento: de 1,3 m a 1,5 m
Peso: de 1,5 a 2 kg
Observação: não são peçonhentas, possuem dentição áglifa, ou seja, não possuem presas inoculadoras de veneno.
Alimentação: pequenos roedores e aves



Pítton de Macklot (*Liasis mackloti*)

Distribuição: endêmica da Indonésia e Papua Nova Guiné
Hábito: semi-arborícola
Comprimento: pode passar de 2 m
Peso: em média 7 kg
Observação: não são peçonhentas, possuem dentição áglifa, ou seja, não possuem presas inoculadoras de veneno.
Alimentação: animal generalista e voraz. Como pet, recomendamos alimentar com roedores e aves.



Criação de serpentes em cativeiro

Para destacar alguns pontos importantes sobre as serpentes como animais de estimação, apresentamos abaixo algumas perguntas e respostas:

✓ O que se esperar de uma serpente como animal de estimação?

Um dos fatores que mais impulsiona a demanda na criação de serpentes é a praticidade na sua manutenção, quando comparada à criação de aves e mamíferos. Uma serpente adulta pode chegar a comer uma vez ao mês, enquanto aves e mamíferos requerem alimentação e cuidados diários. A interação das serpentes com os seus proprietários é bem menor se comparada a outros animais, mas elas, ao contrário do que muitos pensam, podem sim reconhecer seus donos pelo cheiro e pela forma como eles se habituem a manejá-las.

Todo o misticismo que envolve os répteis fascina e estimula o conhecimento sobre sua biologia, origem e mitos. Quando menos se espera, o proprietário passa a ser um educador e desmistificador, auxiliando na conservação destes animais que, ainda hoje são mortos indiscriminadamente por falta de conhecimento e crendices populares.

✓ Serpentes podem transmitir alguma doença?

Devido à grande distância evolutiva que separa os répteis dos seres humanos, as doenças que acometem um, praticamente não acometem o outro. Existe toda uma especiação na microbiota destes animais e nos parasitas que os acometem. Dos poucos registros que se tem notícia, podemos citar alguns casos de Salmonelose em crianças que foram contaminadas após colocarem tartarugas aquáticas na boca. A *Salmonella* é uma bactéria presente na microbiota intestinal dos répteis, por isso devemos tomar o cuidado de manter o terrário limpo e lavar bem as mãos após sua higienização e após qualquer tipo de contato com as fezes do animal.

Até o momento não existem relatos de pessoas que contraíram parasitas de répteis, mas de toda forma, oferecer um alimento de qualidade e manter o controle de saúde com o seu veterinário, eliminam qualquer possibilidade de risco. Entre todos os animais mantidos hoje em dia como pets, os répteis são sem dúvida os mais seguros quando o assunto é zoonose.

✓ Em caso de mordidas?

As mordidas acontecem, em sua grande maioria, por erro de manejo. O maior estímulo para estes animais é o olfato e, durante a alimentação, as serpentes ficam extremamente atentas. No intuito de se alimentarem, podem dar bote ao mínimo movimento. Podemos afirmar que a imensa maioria das mordidas acontece durante a alimentação, portanto essa atividade requer mais atenção. Os dentes das serpentes são bem superficiais e tendem a se quebrar com certa facilidade, nas serpentes em questão, os mesmos são pequenos e maciços, sem nenhum canal ou sulco com função de conduzir peçonha.

Em caso de mordidas, alguns dentes do animal podem se partir, o que não traz maiores problemas tanto para o animal quanto para a pessoa mordida. Nesse caso, devemos proceder como se fosse uma farpa de madeira ou algo do gênero: apenas removê-la (com o auxílio de uma pinça, quando necessário). O local da mordida deve ser bem higienizado e em caso de dúvidas um médico deverá ser consultado.

Legislação

Existem diversas leis e normativas que abordam a questão da criação e manejo da fauna silvestre. Quem possui uma serpente ou outro animal silvestre oriundo de criadouro legalizado, deve estar atento à necessidade de sempre levar junto do animal, quando for transportá-lo, a nota fiscal de compra e certificado de origem emitido pelo SISFAUNA, para animais adquiridos após 2015.

Para transportes interestaduais, é necessário de uma Autorização de Transporte, que passou a ser exigida em maio de 2018 com a publicação da Portaria Nº 1.249/2018. A mesma poderá ser emitida pelo IBAMA ou órgão de Meio Ambiente do seu estado.

Caso o comprador queira repassar o animal para outra pessoa, este deve realizar a transferência conforme o modelo disposto no Anexo II da portaria IBAMA nº 117/98. O texto completo dessa norma e demais relativas ao assunto, podem ser acessados no site:

<https://www.jiboiasbrasil.com.br/loja/content/7-legislacao>.

Manejo

Alimentação

Os animais só são enviados após sua plena adaptação e a garantia de uma boa alimentação. Em média, enviamos as Jiboias com idade mínima de dois meses e as Jiboias Arco-íris com idade mínima de quatro meses. Esse período é o mínimo para garantir que o animal esteja microchipado, bem adaptado e se alimentando bem. Todos os animais disponibilizados já são acostumados a comer presas abatidas e sugerimos que assim seja mantido para uma maior segurança da serpente. Todos os animais enviados possuem no mínimo 60 dias sem nenhuma intercorrência alimentar. Não enviamos nenhum animal que esteja apresentando problemas na alimentação como recusas ou vômitos.

Diferente dos animais de criação para fins reprodutivos, os animais pet gastam pouca energia e, devido a isso, tendem a ficar obesos se alimentados em demasia. Animais com sobrepeso podem ter funções comprometidas dos rins, fígado e até coração, podendo, inclusive, ocasionar o óbito.

O mais seguro para uma boa alimentação é ter como referência o peso do seu animal, assim fica fácil estabelecer um padrão para toda a vida. Como exemplo, um animal adulto e magro deve ser alimentado com base no seu peso e não no seu tamanho. Ele até poderia digerir uma presa grande, mas não é o recomendado.

Existem balanças com preços muito acessíveis hoje em dia, e a sua utilização é uma ferramenta imprescindível para maior segurança da alimentação do seu animal.

Para animais adultos, sugerimos que a alimentação varie entre 8 a 12% do peso da serpente com intervalo de 15 a 50 dias entre as alimentações. O intervalo dependerá de análises individuais, sendo recomendada a orientação de um veterinário especializado.

Para filhotes e jovens, sugerimos que a alimentação varie entre 10 a 20% do peso da serpente com intervalo de 7 a 15 dias entre as alimentações, seguindo as quantidades descritas abaixo para cada espécie.

Pítón-bola adultas podem ter frequência de alimentação aumentada, desde que orientado

por Médico Veterinário especializado. O intervalo também dependerá de análises individuais.

Para Píton de Macklot, sugerimos que a alimentação varie entre 15 a 20% do peso da serpente para alimentações semanais e 12 a 15% para alimentações com intervalos inferiores a 7 dias. Animais adultos podem ter alimentação reduzida, desde que orientado por Médico Veterinário especializado.

FILHOTE / JOVEM (até 24 meses)

Nome Popular	Nome Científico	Frequência	Percentual
Jiboia arco-íris da Caatinga	<i>Epicrates assisi</i>	7 a 15 dias	10 a 15%
Jiboia arco-íris do Cerrado	<i>Epicrates crassus</i>	7 a 15 dias	10 a 15%
Jiboia arco-íris do Cerrado do norte	<i>Epicrates maurus</i>	7 a 15 dias	15 a 20%
Jiboia arco-íris da Argentina	<i>Epicrates alvarezi</i>	7 a 15 dias	15 a 20%
Jiboia arco-íris da Mata Atlântica	<i>Epicrates cenchria hygrophilus</i>	7 a 15 dias	10 a 20%
Jiboia arco-íris da Amazônia	<i>Epicrates cenchria</i>	7 a 15 dias	15 a 20%
Jiboia	<i>Boa c. constrictor, Boa c. occidentalis, Boa c. amarali; Boa c. imperator</i>	7 a 15 dias	10 a 20%
Píton-bola	<i>Python regius</i>	7 em 7 dias	10 a 15%
Píton de Macklot	<i>Liasis mackloti</i>	7 em 7 dias	15 a 20%

JOVEM / ADULTO(a partir de 24 meses)

Nome Popular	Nome Científico	Frequência	Percentual
Jiboia arco-íris da Caatinga	<i>Epicrates assisi</i>	15 a 30 dias	5 a 10%
Jiboia arco-íris do Cerrado	<i>Epicrates crassus</i>	15 a 30 dias	5 a 10%
Jiboia arco-íris do Cerrado do norte	<i>Epicrates maurus</i>	15 a 30 dias	8 a 12%
Jiboia arco-íris da Argentina	<i>Epicrates alvarezi</i>	15 a 21 dias	8 a 12%
Jiboia arco-íris da Mata Atlântica	<i>Epicrates cenchria hygrophilus</i>	15 a 21 dias	8 a 12%

Jiboia arco-íris da Amazônia	<i>Epicrates cenchria</i>	15 a 30 dias	8 a 12%
Jiboia	<i>Boa c. constrictor</i> , <i>Boa c. occidentalis</i> , <i>Boa c. amarali</i> ; <i>Boa c. imperator</i>	21 a 50 dias	8 a 12%
Píton-bola	<i>Python regius</i>	7 em 7 dias	10 a 15%
Píton de Macklot	<i>Liasis mackloti</i>	7 em 7 dias	15 a 20%

No criatório utilizamos roedores, coelhos e aves para a alimentação de nossas serpentes. Para um bom manejo nutricional, recomendamos que, se possível, o proprietário ofereça alimentação diversificada para o seu pet, desde que proceda de fornecedores confiáveis.

Observações:

- 1.1. Recomenda-se não oferecer alimento enquanto o animal estiver em troca de pele;
- 1.2. Após a alimentação, ficar no mínimo 5 dias sem manusear;
- 1.3. No caso de oferecer roedores que estavam congelados, certificar-se de que já estejam completamente descongelados;
- 1.4. Todas as recomendações sobre alimentação são correspondentes as médias feitas com os animais do criatório, sendo, portanto, o resultado individual de nosso manejo.
- 1.5. Durante períodos mais frios do ano, a frequência e porcentagem da alimentação devem ser reduzidas;
- 1.6. A porcentagem de alimento ingerida cai, na medida em que o animal atinge maturidade. Essa redução pode ser feita de forma gradativa, para que não impacte na rotina do animal.

Temperatura

Serpentes são animais ectotérmicos, portanto necessitam de aquecimento no recinto para melhor desempenho do seu organismo. A escolha do tipo de equipamento varia conforme disponibilidade e necessidade.

Recomendamos aquecedores de ambiente somente para locais invernos mais rigorosos, como regiões sul e sudeste e para aquecimento interno (dentro do terrário), recomendamos a

utilização de placas ou pedras aquecidas e lâmpadas de cerâmica (sempre utilizar com grade de proteção).

A escolha do local utilizado como ponto de aquecimento deve ser pensada, de forma a oferecer um gradiente de temperatura dentro do recinto, buscando deixar disponível ao animal várias zonas climáticas. Para fins práticos, recomendamos que o sistema de aquecimento deva ser alocado em um dos cantos do recinto, do lado oposto ao pote de água.

Todo equipamento de aquecimento deve ser controlado por um termostato, para maior segurança do animal e tranquilidade do proprietário. O termômetro deve ser utilizado para aferir e possibilitar melhor controle das temperaturas mínimas e máximas do terrário.

Os equipamentos citados acima, quando comprados de fabricantes de confiança como ZooMed e ExoTerra, tendem a ser mais seguros. Muito cuidado ao comprar produtos de fabricação caseira, que muitas vezes são oferecidos no mercado, pois estes frequentemente causam queimaduras nos animais.

De modo geral, a temperatura ambiental do recinto pode variar entre 24 e 32°C, sendo mais frio durante a noite e mais quente durante o dia. A temperatura do aquecimento de superfície pode ser mais alta do que 32°C, aqui no criatório utilizamos superfícies com até 36°C, mas lembrando, cada planejamento de recinto deve ser feito de forma individual, havendo exceções para todas as regras. Caso haja dúvidas, procure sempre um profissional capacitado para orientação.

Umidade

Em ambientes tropicais, as médias de umidade costumam ser suficientes para manter a hidratação dos animais, mas nos locais / ambientes em que esses índices são mais baixos, alguns pontos devem ser levados em consideração.

A umidade relativa é fundamental para manter a hidratação dos animais, e a melhor forma de avaliar, é observando as trocas de pele e o aspecto físico de seu animal. Trocas de pele que não foram bem realizadas (devem sair de forma inteiriça, sem rasgar, ou agarrar) podem ser um indicativo de baixa umidade. Em contraponto, taxas muito altas de umidade podem ser observadas pela formação de gotículas na parte superior do terrário ou no vidro.

A umidade pode ser controlada com a proporção de lâmina d'água que você deixa no

recinto, por exemplo em períodos mais secos você pode aumentar a quantidade de vasilhas e água e depois reduzir em períodos de chuvas. Sé possível ofertar para o seu Pet uma vasilha que ele consiga submergir. O tipo de substrato também influencia muito na umidade ambiente.

A água dos vasilhames deve ser trocada, no mínimo, 2x por semana. Quando adequações precisarem ser realizadas para aumentar a umidade, podemos verificar se o tamanho do vasilhame está adequado; avaliar se o substrato escolhido é o ideal; reduzir a ventilação e se a redução for necessária, faremos exatamente o oposto, verificando se a ventilação não está em demasia e se o vasilhame e substrato estão adequados.

Troca de pele

Os répteis possuem o corpo revestido por uma camada de queratina, o que possibilitou que esses animais habitassem quase todos os ambientes do globo. Essa camada impermeabiliza o corpo do animal, deixando-a mais resistente à perda de água. A troca de pele ou ecdise, como é chamada, é um grande indicativo de saúde do animal. Nas serpentes, deve acontecer de forma integral, sem sair em pedaços. A muda em pedaços pode indicar problemas no recinto, ectoparasitos, desidratação ou manejo inadequado durante este período.

Durante o processo de troca de pele, a serpente começa a ficar com um aspecto esbranquiçado, com o corpo e os olhos bem opacos, devido a presença de líquido exuvial. Posteriormente, a cor do animal vai voltando ao seu aspecto normal, enquanto o líquido é absorvido. A troca de pele acontecerá brevemente após a absorção completa. É recomendado não manusear o animal nesse período, mas caso seja necessário, realizar com cuidado para evitar que a pele sangre. É de importância fundamental monitorar as mudas para observar se não ficaram retida no animal, especialmente nos olhos e na cauda, pois esses resquícios de pele podem secar e estrangular a região afetada. Caso a retenção de pele aconteça, deixar o animal em uma caixa plástica com água em temperatura ambiente por, aproximadamente, 12 horas. A quantidade de água deve ser um centímetro acima do dorso do animal. É importante que o animal possa ficar apoiado no fundo da caixa, para evitar que tenha que ficar nadando por todo este tempo. Maiores explicações no nosso canal do YouTube.

Após esse período, tentar remoção manual de forma delicada. Caso a pele esteja **retida nos olhos, encaminhar o animal ao médico veterinário, sem tentar fazer a remoção.**

Iluminação

A luz desempenha um papel fundamental na vida de quase todos os seres vivos. É imprescindível para vários processos biológicos, mas devemos nos lembrar de que o excesso de luminosidade também pode ser prejudicial. Não podemos nos esquecer de providenciar um abrigo aos animais para que eles possam evitar a luz sempre que desejarem. Devemos também respeitar o fotoperíodo, ou seja, precisamos proporcionar aos animais períodos de luminosidade e de escuridão, assim como eles teriam em seu habitat natural.

As serpentes não necessitam de radiação ultravioleta, como ocorre com as tartarugas e lagartos. Dessa forma, a iluminação do recinto das serpentes tem a função primordial de proporcionar aos animais um fotoperíodo correto, servindo também para a ornamentação e para uma melhor observação dos animais no ambiente cativo.

Recintos

O espaço escolhido para alocar nossas serpentes é denominado de recinto / terrário. Tais ambientes merecem consideração especial, pois devem fornecer aos seus habitantes, condições necessárias para a manutenção da qualidade de vida.

Os recintos podem ser classificados como recintos internos, que são os mantidos dentro de casa, como caixas organizadoras e terrários, e em recintos externos, que são os viveiros instalados ao ar livre. As orientações aqui repassadas podem ser aplicadas para os recintos externos, mas trataremos, especificamente, sobre os internos, já que essa é a escolha da maioria de nossos clientes, e é o que recomendamos pela maior facilidade e praticidade no controle dos parâmetros. Recintos externos devem ser evitados em regiões onde o inverno chega a temperaturas inferiores a 15°C.

Dimensões do recinto

Apresentamos abaixo uma tabela com medidas mínimas sugeridas para comprimento e largura. A altura vai depender da disponibilidade de espaço, mas recomendamos que seja de no mínimo 30cm.

Jiboias (*Boa* sp.)

Até 500g	500g-3kg	3kg-8kg	8kg-13kg	13-18kg	>18kg
70x40	90x50	120x60	150x70	200x70	250x70

Medidas em centímetros = (Comprimento x Largura)

Jiboias arco-íris (*Epicrates* sp.) e Píton bola (*Python regius*)

Até 500g	500g - 3kg	>3kg
70x40	90x50	120x60

Medidas em centímetros = (Comprimento x Largura)

Píton de Macklot (*Liasis mackloti*)

Até 500g	500g – 1,5kg	1,5 a 3kg	3,0 a 5,0kg	5,0 acima
70x40	100x60	120x60	150 x 60	200 x 60

Para esta espécie recomenda-se altura mínima de 50cm devido ao comportamento arborícola.

Ventilação do recinto

A ventilação do recinto deve ser controlada a fim de se proporcionar uma boa circulação de ar pelo ambiente, porém precisamos ter cuidados com o excesso de ventilação, buscando evitar a perda de calor, a desidratação e o desconforto dos animais.

Os respiradores devem ser instalados, preferencialmente, na parte superior do recinto, caso isso não seja possível, colocá-los nas partes mais altas das laterais.

O material para confecção da ventilação deve ser rígido, para que não possa servir como um local de fuga para o animal, e não deve ser abrasivo, para evitar escoriações.

Material de confecção dos recintos

A escolha do material utilizado na confecção irá variar conforme a disponibilidade de recursos, espaço disponível e o ambiente onde o recinto será instalado. Todos os materiais apresentam prós e contras, sendo assim essa escolha deve ser feita individualmente, desde que sejam estruturas passíveis de higienização, como vidro, plástico, madeira impermeabilizada, MDF, alvenaria, PVC, etc.

Substratos, abrigos e ornamentos

O tipo de substrato escolhido para a forração do recinto deve sempre respeitar a biologia do animal. Por exemplo, se o animal vive em ambientes úmidos, o substrato escolhido deve poder reter umidade, e se a espécie escolhida habitar ambientes mais secos, o substrato não deve reter umidade.

Exemplo 01: Jiboias Arco Íris da Amazônia habitam florestas úmidas, sendo assim, as melhores opções de substrato são aquelas que mantêm a umidade, como os derivados de coco e terra vegetal.

Exemplo 02: Jiboias Arco Íris da Caatinga habitam áreas mais secas, sendo assim, as melhores opções de substrato são aquelas que não retêm umidade, como Aspen, maravalha peneirada e Lignocel.

Não podemos nos esquecer de providenciar um local para que o animal consiga se abrigar. Como abrigo podemos utilizar qualquer estrutura que o animal possa se esconder completamente, desde que seja estável o suficiente para não desabar. Como exemplo, podemos citar os vasos plásticos, vasos de cerâmica, tocas de argila, tocas específicas para répteis, canos de PVC, tubos de papelão e etc. Devemos ter cuidado especial ao escolhermos os ornamentos que serão utilizados no recinto, buscando realizar uma ornamentação a prova de quedas e acidentes. Galhos verdes ou materiais orgânicos que liberem resinas devem ser evitados. Caso a escolha seja por plantas vivas, devemos selecioná-las atentando-nos à sua resistência e adaptação a ambientes fechados e com luminosidade reduzida.

Higienização do recinto

A higienização do recinto deve ser feita sempre que houver urina, fezes ou fungos no recinto. Para remoção da sujeira podemos utilizar água, detergente (sem perfume) e bucha, e para a desinfecção podem ser usados desinfetantes desde que sejam produtos classificados como seguros para o animal e diluídos na proporção indicada pelo fabricante. Álcool também pode ser utilizado, mas o retorno do animal para o recinto só deve ser feito após a evaporação completa do produto. Caso haja dúvidas, a médica veterinária deverá ser consultada.

O vasilhame de água pode ser limpo semanalmente, com água e detergente (sem perfume), mas fique atento no enxague no intuito de remover todo detergente utilizado.

Cuidados veterinários

Para avaliação da saúde e manejo do seu animal, consultas preventivas anuais são indicadas. Caso o proprietário observe qualquer alteração comportamental no animal, o médico veterinário deverá ser consultado imediatamente.

Vale ressaltar que, animais criados em boas condições, raramente irão apresentar problemas, sendo assim, trabalhar com a prevenção é o melhor caminho.